

REIS, Carlos Xavier (2023). *A Universidade de Coimbra e os seus estudantes aos olhos dos viajantes estrangeiros (1581-1879). 298 anos de fragmentos literários*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 405 pp., ISBN: 978-989-26-2319-1; ISBN digital: 978-989-26-2320-7.

Segundo as palavras do seu autor, a obra que, neste momento, é objeto da nossa atenção tem por base a compilação de um conjunto de fragmentos literários colhidos de relatos de viajantes, impressos ao longo de quase três séculos.

Perde-se no tempo a memória da viagem como tema da literatura. Na sua raiz está a própria condição humana – um percurso de sentido único – no qual se inscrevem todas as rotas e caminhos, partidas e regressos. Nessa condição da existência, primeira e radical, nos mergulha um dos *Contos Exemplares* de Sofia de Mello Breyner Andresen (36ª ed. Porto: Figueirinhas, 2006), precisamente intitulado “A Viagem”, uma alegoria de inigualável beleza e dramatismo. Os protagonistas – introduzidos pela fala que a mulher dirige ao homem: “é o meio da vida” – conhecemo-los quando é setembro, numa manhã que se estendia “através da terra, vasta de luz e plenitude”, na qual “todas as coisas pareciam acesas”. Através dos vidros do automóvel que os levava viam que “árvores, campos, casas, pontes, serras, rios, fugiam para trás, escorregavam para longe”. Mas esta inexorável perda não impedia a fruição do mundo que os circundava: “[...] vejo como tudo é perfumado e belo” dizia a mulher, “apetece-me rir e cantar em honra da beleza das coisas”. E ao chegarem a um pequeno rio, “estreito e claro”, não resistiram a despir-se e a entrar nele:

ora rindo, ora em silêncio, nadaram muito tempo. Mergulhavam de olhos abertos, tocando pequenas pedras polidas, atravessando um mundo suspenso, transparente e verde. Trutas azuis deslizavam rente aos seus gestos. Depois estenderam-se à sombra doirada da floresta sobre as relvas das margens [...]
Aqui é quase como a terra para onde vamos, disse ela. É, respondeu o homem, mas aqui é um lugar de passagem.

Consciência do efêmero, fruição, expectativa, deslumbramento. Do “deslumbramento de assistir ao espetáculo do mundo” nos fala também Miguel Gomes ao caracterizar o filme que o consagrou como melhor realizador em Cannes (2024), *Grand Tour*, um conglomerado de viagens motivadas pela paixão e pelo medo. Teremos, contudo, de acrescentar – e regressando a Sophia – também a memória, lugar onde permanecem as imagens do que já

passou e se revisitam as vivências que não se repetem: a encruzilhada onde se tomou uma decisão errada, a fonte de água fresca que não se reencontra, a casa “nua, onde estavam só escritos os gestos da vida”, sem ninguém a habitá-la...

A transição que se opera da ‘viagem na literatura’ para a ‘literatura de viagens’ não oblitera a simbiose que existe entre estas duas perspectivas, o que tem dado mesmo “ocasião a múltiplas confusões e ambiguidades” (Fernando Cristóvão, *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*, Coimbra: Almedina-CLEPUL, 2002: 15). Gera-se, contudo, a partir de um outro tipo de interesses – dos autores, do público leitor e dos editores – e é um fenómeno, se bem que antigo, mais recente. Refletindo sobre esta dualidade, Fernando Cristóvão esboça uma definição:

Por Literatura de Viagens entendemos o subgénero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem, real ou imaginária [...] temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, mas também ao que, por ocasião da viagem, pareceu digno de registo: a descrição da terra, fauna, flora, mineiras, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã (p. 35).

Estamos assim perante uma perspectiva que, embora baseando-se no nóculo central da viagem, privilegia a multiplicidade, a abrangência do(s) olhar(es), a diversidade dos elementos, sem que lhe seja intrínseca a concatenação lógica de um enredo ou a exclusividade referencial do seu destino.

E porque de uma escrita compósita se trata (não apenas pelas disciplinas que abarca, mas igualmente nas peças que entretece), é sempre possível seleccionar e pôr em evidência algum dos seus elementos. É o que faz Carlos Xavier Reis ao apresentar-nos excertos de trinta relatos de viagens, seleccionando aqueles testemunhos que tratam da Universidade de Coimbra e dos seus estudantes. Ordena-os cronologicamente – um deles situa-se ainda no século XVI, quatro são datados do século XVII, os outros distribuem-se quase paritariamente pelos séculos XVIII e XIX – e assinala a predominância masculina da autoria (apenas cinco são assinados por mulheres). Mais que tudo, porém, tem o cuidado de, na economia do seu trabalho, enquadrar o capítulo central, o III – no qual apresenta a totalidade dos excertos recolhidos – situando-o simetricamente entre dois capítulos introdutórios e os anexos inseridos no

final. Deste enquadramento é ainda peça importante o elegante prefácio de Delfim Leão que mergulha na matriz helénica – desde o polifacetado Ulisses a Heródoto e ao Helenismo – criadora de “uma cultura transversal (*koine*) que se estenderá por toda a terra habitada (*oikoumene*) [...]” e que “exprime a consciência de nos integrarmos num universo referencial multimodo” (p. 16).

Assume particular interesse, neste contexto, o capítulo I, no qual o autor apresenta uma reflexão alargada, sob a epígrafe “O século XVIII e a Literatura de Viagens”: recua no tempo à procura dos fundamentos deste subgénero literário; assinala o contributo das viagens marítimas da época moderna; detém-se no significado social e cultural de uma prática disseminada entre a aristocracia dos países setentrionais da Europa – e depois também entre a burguesia endinheirada, alargando-se sucessivamente a diversas categorias profissionais – o *grand tour*, viagem de aprendizagens culturais, políticas e mundanas; reflete criticamente sobre a perspetiva dos viajantes que visitaram Portugal, muitas vezes filtrada pelo preconceito, o que nos coloca perante uma “imagem [...] pouco rigorosa, tendenciosa e, certas vezes, improvisada ou mesmo efabulada” (p. 44); assinala a “secundarização da Mulher” (p. 44), apesar de, nas descrições recolhidas, serem elas que “apresentam o maior volume de informação” (p. 48).

A apresentação (no capítulo III) dos testemunhos dos viajantes – díspares na perspetiva, na extensão e no conteúdo – é enriquecida por diversos elementos paratextuais que a tornam mais transparente para o leitor: desde logo as notícias biográficas sobre cada um dos autores, de que sobressaem a motivação e as circunstâncias da viagem que empreenderam, fator decisivo para a caracterização do respetivo olhar. Sem que possamos alargar-nos, citemos apenas a evidente diferença de tonalidade entre o rigor estatístico e a precisão informativa de Adrien (Adriano) Balbi – que fazem do seu *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve* (1822) leitura obrigatória para o estudante de História – e o modo mais afetivo e deslumbrado de Maria Ratazzi (1876-1879), que descreve, admira, elogia e convive. Outro dos elementos que valorizam esta apresentação são as abundantes notas explicativas que, ao ampliarem a informação dos textos, identificarem personagens citadas e acontecimentos referidos, são um auxiliar precioso de compreensão e interpretação. Não menos agradável que útil é ainda a economia gráfica da obra, pontuada por ilustrações – maioritariamente fotografias de autor (Augusto Bobone) – criteriosamente distribuídas e espelhando uma realidade muito próxima do final do período que é objeto de observação.

Os anexos obedecem igualmente a uma preocupação quase cartesiana de

expor ideias claras e distintas: por isso tocam dois temas que lançam luz sobre o objeto central de observação. Um deles, porque referido recorrentemente nos relatos, diz respeito ao património edificado da Universidade, percorrido sequencialmente, desde o núcleo mais antigo à volta do Pátio das Escolas até às modificações introduzidas pela Reforma Pombalina de 1772 que modificou substancialmente – por novas construções ou reformulações – a fisionomia geral das edificações universitárias. É importante assinalar a simetria deste anexo com o capítulo II, no qual, com a mesma intenção de iluminar e situar, é esboçada uma síntese da longa história do estudo geral português. O outro anexo surpreende a Universidade num momento crítico – a Guerra Peninsular – dando conta da ação de professores e estudantes em favor da causa da liberdade.

Carlos Xavier Reis apresenta ao leitor uma perspetiva que é sua própria, porém através do olhar múltiplo dos viajantes: porque seleciona, enquadra, clarifica e, deste modo, interpreta. Fá-lo através de uma escrita fluente e agradável – sobre um suporte gráfico sóbrio e elegante – de uma erudição segura e de um atento cuidado crítico. A história da Universidade fica enriquecida por este contributo.

FERNANDO TAVEIRA DA FONSECA

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura

fertaveira@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-3280-5009>

